

“Em consequência de uma proposta do coronel Henry S. Olcott, de que uma Sociedade seja formada para o estudo e elucidação do Ocultismo, a Cabala, as senhoras e os senhores então presentes abriram a reunião...” [1]

Qual é, porém, a real importância do evento de sete de setembro para a história do movimento teosófico? Na página 51 de um livro que pertenceu a H.P. Blavatsky — “A Guide to Theosophy” — afirma-se que a Sociedade Teosófica foi fundada em 17 de novembro de 1875. Neste trecho, H.P.B. acrescentou uma anotação a caneta: “Formalmente; mas na verdade ela foi fundada em sete de setembro de 1875 em minha casa em 46, Irving Place, Nova Iorque”. [2]

Boris de Zirkoff, editor dos 15 volumes de “Collected Writings” de H.P.B., escreveu: “Parece não haver razões para duvidar de que a verdadeira formação da Sociedade Teosófica ocorreu em 7 de setembro de 1875...” [3]

O evento do dia sete foi, portanto, no mínimo absolutamente decisivo. A escolha do nome da sociedade foi feita na reunião de 13 de setembro. Em 17 de novembro houve apenas o discurso inaugural formal do presidente, Henry Olcott; porém, mais tarde, foi esta data que passou a receber a maior divulgação pública.

Passado pouco mais de um século, o movimento teosófico reúne hoje dezenas de milhares de estudantes em cerca de 70 países, e conta com três organismos ativos internacionalmente: a Sociedade Teosófica (Pasadena), a Sociedade Teosófica de Adyar, e a Loja Unida de Teosofistas.

Além destas três correntes maiores de pensamento e ação explicitamente teosóficas, há alguns grupos ligados à tradição de Point Loma (surgidos da S.T. de Pasadena) e também um grande número de grupos e empreendimentos independentes em diferentes países, entre eles a influente Sociedade Teosófica de Edmonton, no Canadá e a Fundação Blavatsky, no México. No entanto é claro que, do ponto de vista essencial, o movimento teosófico não está preso a nomes e é provavelmente muito maior. Como reza a tradição, **“nem todo membro do movimento teosófico é teosofista, e nem todo teosofista é membro do movimento teosófico”**. Ser teosofista não é, portanto, uma questão de associação, matrícula ou diploma, mas sim de vivência da sabedoria e da fraternidade universais.

NOTAS:

[1] Veja o volume “Helena Blavatsky”, de Sylvia Cranston, Editora Teosófica, Brasília, 1997, 678 pp., Parte 4, capítulos seis, sete e oito, pp. 164-176. “Sylvia Cranston” é o nome literário de Anita Atkins, uma associada da Loja Unida de Teosofistas, LUT. Anita faleceu no final dos anos 1990.

[2] Veja o texto “Formation of the Theosophical Society”, em “Collected Writings of H.P. Blavatsky”, vol. I, Theosophical Publishing House, Adyar, Índia, third edition, 1988, 570 pp., especialmente p. 123, para esta citação do caderno pessoal de H.P.B.

[3] “Formation of the Theosophical Society”, no volume citado acima, p. 122.

00000000000000000000000000000000

Sete de Setembro de 2007 no Brasil: Meditação Coletiva Por Um País

Os websites www.filosofiaesoterica.com e www.filoterapia.com estão promovendo uma experiência prática de integração entre pensamento filosófico e ação social. A intenção é pensar positiva e criativamente no futuro do Brasil, resgatando a idéia da ética, não só na política, mas também nas relações sociais e nas relações com o meio ambiente.

Com apoio da revista “**Bodigaya**” de Porto Alegre e do jornal mensal “**O Aprendiz**” de Ribeirão Preto, os organizadores convidam a todos os cidadãos de boa vontade a participarem de uma rede de “meditações pontuais” — individuais ou coletivas.

Breves, concisas, as meditações / orações / reflexões devem ocorrer durante sete dias, em torno do dia sete de setembro de 2007, o dia da independência — às 7h da manhã e/ou às 7h da noite.

As meditações irão visualizar o surgimento de um Brasil que seja, ao mesmo tempo: eticamente correto; socialmente justo; ecologicamente sustentável; economicamente solidário; politicamente participativo; e também capaz de participar ativamente da construção de uma civilização planetária com base no princípio da fraternidade universal.

Nos três dias anteriores a sete de setembro — dias quatro, cinco e seis — as meditações durarão um minuto ou mais. Nos três dias posteriores a sete de setembro — dias oito, nove e dez — as meditações durarão, também, pelo menos um minuto. No dia sete de setembro, a meditação deverá durar pelo menos sete minutos.

Os organizadores estão distribuindo textos de apoio e também uma espécie de “guia para a ação” que exemplifica como pode ser a meditação. No entanto, eles não pretendem dar ao movimento uma estrutura rígida. A ação pode ser corretamente chamada de “oração” por cristãos e espíritas, ou de “meditação”, de “visualização”, “contemplação” e “reflexão”, por budistas, iogues e pessoas de quaisquer religião ou filosofia.

O pensar e o meditar elevadamente sobre o potencial positivo do país poderá ser feito de diferentes maneiras, segundo a formação cultural, o temperamento e a criatividade de cada indivíduo ou grupo de indivíduos. Basta que se use a força sutil da mente e do coração para o resgate dos princípios da ética e da justiça social no Brasil.

O horário de sete horas da manhã e/ou sete horas da noite é sugerido para todos. Mas quem preferir outros horários é igualmente bem vindo ao movimento.

Mais informações sobre o contexto e a visão geral dessa ação prática podem ser obtidas na seção **Brasil no Século 21: Por Uma Terra de Paz, Ética e Justiça** do website www.filosofiaesoterica.com, ou no site www.filoterapia.com — além das publicações que apóiam a iniciativa.

00000000000000000000000000000000

A Importância do Número Sete

O website www.filosofiaesoterica.com acaba de publicar, nas suas seções “Helena P. Blavatsky” e “Desafios e Lições”, mais um texto até aqui inédito da sra. Blavatsky: “**O Número Sete**”. Nele, a fundadora do movimento esotérico moderno escreve:

“Na antiguidade mais distante, era atribuído um profundo significado aos números. Qualquer povo que tivesse alguma coisa parecida com uma filosofia dava grande destaque aos números na realização das suas práticas religiosas, no estabelecimento de dias de festivais, símbolos, dogmas e mesmo na distribuição geográfica dos impérios. O misterioso sistema numérico de Pitágoras não era nada novo quando ele apareceu, mais de 600 anos antes da era cristã. O significado oculto dos algarismos e suas combinações faziam parte das meditações dos sábios de todos os povos, e não está muito distante o dia em que, levado pela eterna rotação cíclica dos acontecimentos, o nosso agora céptico Ocidente terá de admitir que, naquela periodicidade regular de eventos sempre recorrentes, há algo mais que mero acaso. Os nossos *sábios* ocidentais já começam a notar o fato. Ultimamente, eles têm aguçado sua atenção e começado a especular sobre ciclos, números e tudo aquilo que, apenas alguns anos atrás, eles haviam condenado ao esquecimento nos velhos arquivos da memória ...”

O artigo, que estuda a força oculta do **número sete** e sua consonância com as forças cósmicas, mostra o território comum entre a filosofia esotérica moderna e a tradição pitagórica. Dada a sua profundidade, deve ser lido mais de uma vez e com uma calma atenção meditativa.

Hierocles:

A Responsabilidade Com Nosso País

Como se sabe, o nacionalismo primário é uma ideologia de horizontes estreitos e que contraria a idéia da fraternidade universal. Porém, se levarmos em conta os princípios fundamentais da independência individual e da cidadania planetária, podemos perceber, também, o caráter potencialmente sagrado do nosso vínculo com o território, o país e a cultura em que nascemos na atual encarnação. Hierocles de Alexandria, o filósofo neoplatônico do século 5 d.C., escreveu:

“Os Deuses são testemunhas de que nosso país é uma espécie de divindade secundária, e o nosso primeiro e o nosso maior progenitor. É por isso que o seu nome, com muita razão, é pátria, que deriva de pater, pai, mas com uma terminação feminina, para que seja, de certo modo, uma mistura de pai e mãe. Isso também explica o fato de que o nosso país deveria ser homenageado junto com nossos pais, sendo preferível a qualquer um deles separadamente, e sendo preferível até mesmo aos dois em conjunto; sendo preferível, além disso, a nossa esposa, nossos filhos e amigos, e em suma sendo preferível a todas as coisas, exceto aos Deuses.” [1]

Disso se pode concluir que, pelo menos, em qualquer tempo, o nosso país merece respeito, da nossa parte e da parte dos seus governantes, e tanto em escala federal como em escala estadual e municipal. Um país é, essencialmente, o ambiente cármico comum —

historicamente determinado — em que as almas evoluem. Este “âmbito de convivência e ajuda mútua” deve ser tratado com ética e consideração por todos os seres conscientes.

NOTA:

[1] “Ethical Fragments of Hierocles”, em “The Pythagorean Sourcebook and Library”, Compiled and Translated by Kenneth Sylvan Guthrie, edited by David R. Fideler, Phanes Press, 1987, Michigan, EUA, edição em um volume de 361 pp. Ver pp. 276-277.

00000000000000000000000000000000

Seria Correto Criticar? A Visão de H.P.Blavatsky

O caminho da teosofia é o caminho da verdade e da autenticidade e H. P. Blavatsky teve fortes razões para abrir um dos seus artigos sobre *pseudo-teosofia* citando estas palavras de Lavater:

“Quanto mais honesto alguém for, menos ele afetará o ar de um santo. A afetação de santidade é uma mancha no rosto da devoção.” [1]

É claro que ser autêntico implica ser sincero, e a franqueza torna necessário ter uma certa abertura à crítica, o que nem sempre é fácil. Muitas vezes é nesse ponto que começam os problemas.

Gravemente desinformados em relação ao caminho do autoconhecimento, um certo número de teosofistas assume uma atitude piedosa de medo e horror diante de qualquer tipo de crítica. Para eles, adotar uma “postura espiritual” significa desculpar sempre todos os erros, pelo menos na aparência — e especialmente os erros dos poderosos. Tais pessoas têm, inclusive, uma tendência supersticiosa de condenar *a priori* e sem direito de defesa como “anti-fraterno” a quem quer que exerça seu espírito crítico ou busque a verdade de um modo que contrarie dogmas ou rotinas estabelecidas.

Não era assim nos primeiros tempos do movimento teosófico. Naquela época, a franqueza e a sinceridade eram postas em primeiro lugar por alguns dos pioneiros e fundadores do movimento.

É verdade que críticas isoladas a esta ou aquela pessoa geralmente não contribuem em nada. Quase sempre, quem não tem argumentos para um debate sério ataca e desqualifica a pessoa do seu “adversário”, muitas vezes de modo desonesto e sorrateiro. H.P.B. e William Judge foram vítimas deste tipo de “crítica” sem fundamento. Se deixarmos de lado a calúnia e os ataques infundados a pessoas, veremos que um espírito crítico diante das injustiças é de fundamental importância, do ponto de vista da filosofia esotérica. No entanto, mesmo nos primeiros tempos do movimento teosófico, poucos compreendiam a importância da franqueza no debate. H.P.B. escreveu:

“Teosofistas e editores de periódicos teosóficos são constantemente advertidos, pelos

prudentes e pelos que têm pouca coragem, a ter cuidado para não ofenderem ‘autoridades’, sejam elas ‘autoridades’ científicas ou sociais. A opinião pública, eles insistem, é o mais perigoso dos inimigos. Criticá-la é fatal, dizem. As críticas dificilmente fazem a pessoa ou o assunto que é discutido melhorar ou ser melhorado. No entanto, elas ofendem a muitos, e fazem com que os teosofistas sejam objeto de ódio. ‘Não julguem para não serem julgados’, é a advertência habitual”. [2]

Mas a fundadora do movimento esotérico moderno evita o sentimento de medo à crítica e prossegue:

“É precisamente porque os teosofistas aceitam ser julgados e apreciam críticas imparciais que eles tomam a iniciativa de prestar este serviço a seus semelhantes. A crítica mútua é uma prática muito saudável, e ajuda a estabelecer regras finais e bem definidas na vida — regras práticas, e não apenas teóricas. Já temos teorias mais que suficientes. A *Bíblia* está cheia de conselhos saudáveis, mas são poucos os cristãos que alguma vez aplicaram qualquer uma das suas recomendações éticas em suas vidas diárias. Se uma crítica é desagradável, a outra também é, e toda inovação tem essa mesma característica, e também a apresentação de alguma coisa antiga sob nova aparência, já que ambas devem entrar em choque com a visão desta ou daquela ‘autoridade’. Eu sustento, ao contrário, que a crítica é o grande benfeitor do pensamento em geral; e ainda mais daqueles que nunca pensam por si mesmos mas confiam em tudo nas ‘autoridades’ estabelecidas e na rotina social.”

Longe de ser mais uma seita religiosa, o movimento teosófico autêntico tem como missão desafiar as rotinas dogmáticas. Ele desafia não só os dogmas das principais religiões ocidentais e orientais, mas também os dogmas materialistas e “científicos” da cultura do egocentrismo cético em nossa civilização. Deste modo, ele amplia a consciência coletiva para que ela perceba diretamente a fraternidade universal que nada tem a ver com “crenças” ou com a burocratização corporativa do pensamento e da opinião.

Daí o desafio de H.P.B. diante de todo dogma no reino do pensamento. Ela continua a examinar a questão da autoridade:

“Pois, o que é uma ‘autoridade’, afinal, em relação a qualquer questão? Nada mais, na realidade, do que uma luz colocada sobre certo objeto através de uma única fenda, mais ou menos larga, e iluminando-o *desde um lado apenas*. Esta luz, além de ser o reflexo fiel *da visão pessoal* de uma só pessoa — muito frequentemente apenas a sua preferência especial — nunca pode ajudar no exame de uma questão ou assunto em todos os seus lados ou aspectos. Assim, a autoridade a que se apela terá frequentemente pouca utilidade; no entanto, o profano que tenta apresentar a questão ou objeto sob outro aspecto ou sob uma luz diferente é imediatamente recriminado por sua grande audácia. Será que ele não está tentando questionar sólidas ‘autoridades’, e desafiar rotinas de pensamento respeitáveis e que foram legitimadas pela tradição?”

Neste ponto da sua defesa da sinceridade, H.P.B. acrescenta:

“Amigos e inimigos! A crítica é a única salvação diante da estagnação intelectual. Ela é a ferroada benéfica que estimula em direção à vida e à ação — e portanto a mudanças saudáveis — os pesados ruminantes chamados Rotina e Preconceito, tanto na vida privada como na vida social. As opiniões adversas são como ventos conflitivos que afastam da calma superfície de um lago a escuma verde que tende a acumular-se sobre águas paradas. Se cada corrente clara

de pensamento independente, que corre pelo campo da vida fora dos velhos sulcos traçados pela Opinião Pública, tivesse que ser impedida e reduzida à imobilidade, os resultados seriam muito tristes. As correntes não poderiam mais alimentar o lago comum chamado Sociedade, e as suas águas se tornariam ainda mais estagnadas do que são. Resultado: as mais ortodoxas ‘autoridades’ do lago social seriam as primeiras a serem sugadas ainda mais profundamente para baixo, até seu lodo e sua lama.”

O pensamento que não é independente vive no terreno do faz-de-conta e por isso tem escasso valor.

NOTAS:

[1] A citação de Lavater é feita por H.P.B. na abertura de um artigo dedicado à pseudo-teosofia: “On Pseudo-Theosophy”. O artigo, de fundamental importância, foi publicado pela primeira vez em março de 1889 e pode ser encontrado hoje em “Theosophical Articles”, H.P. Blavatsky, Theosophy Company, Los Angeles, 1981, volume I, p. 160. Também está nos “Collected Writings” de H.P.B., editados pela TPH (Adyar), volume XI.

[2] “Literary Jottings - On criticism, authorities and other matters”, texto incluído em “Theosophical Articles”, H. P. Blavatsky, Theosophy Company, Los Angeles, 1981, volume II, pp. 389-392, ver pp. 389-390. O texto foi publicado pela primeira vez em setembro de 1892, pouco mais de um ano depois da morte de H.P.B.

A Sociedade Teosófica (Pasadena)

Um Texto do Co-Secretário Nacional da S.T., Seção Norte-Americana

John Rau

Os editores de filosofiaesoterica.com solicitaram que eu escrevesse algumas palavras em resposta a perguntas.

A Seção Norte-americana da Sociedade Teosófica (Pasadena) é a seção nacional para os Estados Unidos da América. Nossos membros incluem pessoas aqui dos EUA e também alguns outros de fora deste país.

Como secretário nacional da seção norte-americana, o que escrevo aqui diz respeito apenas ao trabalho da seção norte-americana, e não à Sociedade Teosófica (Pasadena) como um todo. As minhas palavras tampouco se referem ao trabalho de quaisquer outras Seções Nacionais da Sociedade Teosófica ou qualquer outro grupo. No entanto, vocês encontrarão **links** com informação sobre a Sociedade Teosófica, sobre as lojas da seção norte-americana e sobre outras seções nacionais em nossa página na web. Lá, vocês também encontrarão **links** para livros da **Theosophical University Press**, com o texto integral de livros e artigos para referência e uso pessoal. A seção norte-americana faz parte da Sociedade Teosófica com Sede Internacional situada perto de Pasadena, na Califórnia.

A seção norte-americana tem sua origem organizativa moderna nos primeiros tempos e no trabalho da Sociedade Teosófica de H. P. Blavatsky, dos mestres dela, e também de William Q. Judge; e, mais tarde, de Katherine Tingley, G. de Purucker e da Tradição de Point Loma.

Em relação à Sociedade Teosófica e à Tradição de Point Loma há breves estudos históricos na revista SUNRISE, edições especiais, em <http://www.theosociety.org/pasadena/sunrise/sun-kt.htm> , e também em <http://www.theosociety.org/pasadena/sunrise/sun-gdp.htm> .

Quando recebi o convite para escrever essas poucas palavras, uma questão apresentada foi — “como os membros da ST de Pasadena vêem o lugar que ocupam e o papel que cumprem no movimento teosófico como um todo?” Minha resposta a isso é outra pergunta: “como posso falar em nome de qualquer outro membro?” Não posso.

Já que outros participantes da seção norte-americana podem ter pontos de vista bastante diferentes, só posso falar por mim mesmo. Direi que de um modo ou de outro, sinto que todos os membros da nossa seção norte-americana são indivíduos dentro de um grupo de trabalhadores voluntários. Aqui na seção norte-americana, nós atualmente *não* divulgamos solicitações abertas e agressivas em relação à busca de indivíduos que possam desejar ingresso em nossa fraternidade. Como nem a fraternidade teosófica nem as idéias teosóficas devem ser impostas a ninguém, os indivíduos buscam por nós aparentemente na ocasião que é correta para eles. Quando as pessoas interessadas em ingressar nos contactam, começa um diálogo que leva a decisões bem informadas, e possivelmente a uma auto-análise em relação a motivações e metas pessoais. Para alguns, o intercâmbio é breve. Para outros, o diálogo pode ser bastante longo. Como a meta e o propósito da nossa causa é promover um caminho de inspiração e atividade altruístas, a seção norte-americana não existe para dar apoio à carreira profissional ou a desejos materialistas de membros, embora às vezes essas atividades possam coexistir com a causa teosófica. Nós somos, de fato, amigos da verdade. Não estamos interessados em vender certificados de qualidade e de distinção.

Seja membro ou não-membro, em vários graus, através das suas ações diárias, um *voluntário* teosófico engajado irá “viver a vida” que aponta para uma compreensão da doutrina, e ao fazer isso, ele irá movimentar o mundo ao seu redor. Os teosofistas estão engajados no que ainda é essencialmente um trabalho subterrâneo pela humanidade futura. Embora a Seção Norte-americana seja facilmente encontrada e bastante visível, nós trabalhamos para afetar, não para converter. Em nossa página na internet, nós citamos um trecho da versão de William Q. Judge do “Bhagavad Gita”, que diz: “o trabalho que é realizado ... porque é necessário, obrigatório e adequado, com todo auto-interesse deixado de lado, e livre de todo apego à ação, esse trabalho é definido como tendo a qualidade da verdade e da bondade...”

É claro que nem todo trabalho escolhido pode ser necessário, obrigatório ou adequado; e a restrição do auto-interesse é, para todos nós, um esforço permanente. Aparentemente, algumas pessoas vêem ação na não-ação, enquanto outras se engajam e dedicam seus esforços ao estudo individual ou em grupo *e ação voluntária* junto com trabalhadores de campo de uma natureza mais extrovertida, que são menos quietos. Sinto que o trabalho de indivíduos na Seção Norte-americana deveria adotar as palavras acima, atribuídas a Krishna, como uma pedra-chave que vale a pena avaliar. Em Fountain-Source of Occultism (“A Fonte do Ocultismo”) G. de Purucker nos lembra de que “a impessoalidade, o altruísmo e o inegoísmo” são “mágicos em seus efeitos sobre os seres humanos”. Se realmente prestamos atenção, veremos e viveremos esse processo efetivamente. A mágica impessoal é, eu sinto, a única mágica de valor no trabalho que temos diante de nós.

Os objetivos declarados da Sociedade Teosófica (Pasadena) são os seguintes:

(1) difundir entre os homens um conhecimento das leis inerentes no universo; (2)

promulgar o conhecimento da unidade essencial de tudo o que existe, e demonstrar que esta unidade é fundamental na natureza; (3) formar uma fraternidade ativa entre os homens; (4) estudar religião, ciência e filosofia, antigas e modernas; (5) investigar os poderes inatos no homem.

Como um observador do cenário mundial, sinto que há pouca dúvida de que os ensinamentos e doutrinas promulgados através da teosofia em relação a uma “unidade essencial de todos” que é “fundamental na natureza” criaram raízes amplamente no mundo moderno, embora parcelas da humanidade pareçam agir como se isso não fosse um fato. Essa idéia de *unidade*, colocada no mundo pelos esforços de trabalhadores-estudantes durante as décadas passadas, teve um forte impacto fora da Sociedade Teosófica. E é o fato afetivo de manter a teosofia disponível e de compartilhá-la fora de nós mesmos e fora da ST que constitui o trabalho; eu gostaria que os estudantes teosóficos compreendessem que o objetivo no século 21 é continuar levando para o futuro a ideologia tal como foi colocada nos objetivos da ST. Em conjunção com esses esforços objetivos, nós começamos, como indivíduos, a experimentar o crescimento de uma força livre, interna, inegoísta. A força que cresce dentro de um indivíduo está diretamente relacionada às ações realizadas. Auto-transformação é auto-iniciação. Assim como em qualquer profissão, nós aprendemos através das nossas ações. Jardineiros e fazendeiros aprendem suas profissões ao longo de muitas estações. Os estudantes-trabalhadores de teosofia não são diferentes. Nós amadurecemos com o tempo.

A combinação de um trabalho pela humanidade com o estudo que leva ao crescimento interior e a uma consciência de paz para todos os seres é um caminho auto-didático, mesmo que seja guiado externamente por mentores, professores, sociedades, treinamentos em escolas ou livros. Nós ensinamos a nós mesmos. Todos os estudantes-voluntários têm disponível diante de si algum trabalho que eles podem fazer. Eles só precisam olhar ao redor. Está lá. As escolhas feitas envolvem avaliar as circunstâncias cármicas individuais e os deveres familiares que se apresentam em uma determinada vida. Os deveres cármicos familiares não devem ser ignorados. Nós aprendemos a confiar em nossa intuição. Agimos, e crescemos tanto com os chamados fracassos como com os chamados êxitos. E ficamos dispostos a mudar, quando percebemos, como indivíduos, que é necessário mudar, ou abandonar a ação. Nosso esforço não é feito apenas em função da Sociedade Teosófica, e certamente não é feito só em função dos nossos interesses individuais, embora seja importante, é claro, apoiar a ST e os nossos vários interesses pessoais.

Alguns de nós, na Seção Norte-americana, temos nosso foco em ajudar a manter materiais teosóficos de referência de alta qualidade diante do público, na forma de livros, distribuindo-os e vendendo-os através de livrarias, bibliotecas públicas, residências pessoais e centros teosóficos ativos, e também divulgando os cada vez mais numerosos textos de *Qualidade* na literatura on-line, via internet.

Na medida da nossa capacidade, nós fazemos e estimulamos apresentações não-sectárias, estudos de livros e discussões públicas de natureza não-partidária, gratuitas e abertas ao público, mantendo presentes as palavras de Blavatsky em “A Chave Para a Teosofia”, quando ela nos lembra de que nosso trabalho atualmente é “plantar sementes nos corações dos homens, que com o tempo poderão germinar, e que em circunstâncias mais propícias levarão a uma mudança saudável, que produzirá mais felicidade às massas do que elas tiveram até agora.”

Nosso trabalho, como *membros* e *auxiliares* da Seção Norte-americana, é continuar hoje sintonizados com nossos objetivos e assim ajudar e causar um impacto sobre as naturezas

